

Biografias; Dominicanos, Franciscanos e Jesuítas; Tomismos e Neotomismos; Pintura e Iconografia; Confrarias e Missões Internas post tridentinas; Enquadramento prévio à Visita a São Domingos de Lisboa; O Mosteiro de Santa Maria da Vitória, vulgo Batalha; e Estética e Filosofia Tomista.

No fim da tarde de 24 de julho, foi feita uma visita ao Convento de São Domingos de Benfica, integrando a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, os túmulos do Doutor João das Regras e de Fr. Luís de Sousa, a sacristia, o Convento, e especificamente o claustro, a Capela do *Corpus Christi* e o Museu de D. João de Castro; e, no edifício da Cúria da Congregação das Dominicanas de Santa Catarina de Sena, a Capela de São José e o Museu. O dia 25 de julho integrou também a conferência *Os Dominicanos em Portugal quando oficialmente não existiam congregações*, pelo Prof. Doutor António Matos Ferreira, assim como, após o décimo terceiro painel, que decorreu no Salão Nobre do Palácio da Independência, uma visita à igreja e convento de São Domingos de Lisboa, à sacristia e restos do claustro, orientada pelos Prof. Doutores Fernando Larcher, Fr. António-José d Almeida, O.P., e Teresa Leonor Vale. Encerrados os trabalhos nessa mesma tarde, seguiu-se, no sábado 26 de julho, uma visita à Batalha, de manhã à igreja matriz e ao Museu da Comunidade Concelhia, e, de tarde, ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, onde a Mestre Patrícia Alho guiou uma visita às Gárgulas, evocativa do sistema hidráulico do mosteiro.

6. No ano de 2016, o tema do Congresso, que se realizará de 20 a 23 de julho, incidirá sobre as ordens da Redenção dos Cativos, Trinitários e Mercedários, estando prevista para 2017, como temática, a Ordem do Carmo.

Workshop Religião Egípcia: Crenças, Práticas e Dinâmicas Sociais

Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 29 de maio de 2015

ANDRÉ DE CAMPOS SILVA * | JOÃO CAMACHO ** | SUSANA MOTA ***

* (CEHR-UCP; CHUL)

** (CEHR-UCP; FLUC; CHUL),

*** (CHAM-FCSH/NOVA-Uac)

O Grupo de Trabalho “Dimensões Sociais e Institucionais das Religiões do Mundo Antigo” do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP), no seguimento das atividades que tem vindo a desenvolver na sua área temática, realizou a 29 de maio de 2015 um *workshop* de egiptologia subordinado ao tema “Religião Egípcia: Crenças, Práticas, e Dinâmicas Sociais” e organizado pelos investigadores André de Campos Silva, João Camacho, e Susana Mota. O encontro foi pensado como um espaço de partilha de conhecimentos e troca de ideias de jovens investigadores que trabalhem temas da religião egípcia.

No antigo Egito a religião estava presente em várias dimensões da vida, desde o registo institucional à experiência individual. Deste modo apresenta diversas oportunidades de análise para uma melhor compreensão do universo cultural, material e mental dos antigos Egípcios. Neste *workshop* pretendeu-se o estudo histórico, e interdisciplinar, da religião egípcia, partindo de três vetores que podem ser mutuamente complementares: crenças, práticas, e dinâmicas sociais.

O *workshop* teve a duração de um dia e foi composto por, na parte da manhã, a conferência de abertura, uma comunicação e a conferência plenária. Na parte da tarde aconteceram três comunicações e a sessão de encerramento.

Após a abertura em que estiveram presentes os membros da comissão organizadora e o diretor do CEHR, Paulo Fontes, teve início a sessão da manhã com a moderação de Catarina Almeida (CHUL). Os trabalhos iniciaram-se com a conferência de abertura proferida por José das Candeias Sales (Universidade Aberta; CHUL) e intitulada “Entre a expressão de emoções e a encenação pública: as carpideiras rituais egípcias. A importância das lamentações fúnebres”. A partir da análise sobretudo de relevos tumulares do Império Novo (c. 1539-1069 a.C.), o egiptólogo centrou-se no papel social e ritual das carpideiras (*j3kb.yt*), e também carpideiros, nos rituais funerários do antigo Egito. Este estudo é particularmente interessante, porquanto nos permite um vislumbre de uma das formas de reagir à morte e à perda de alguém querido ou mesmo desconhecido. De facto, como salientou José Sales, a performance ritual das carpideiras, que envolvia choros lancinantes e lamentações, tinha por objetivo não só expressar a dor dos que eram mais próximos do defunto, mas também comover e levar à reflexão os que com ele não tinham qualquer relação. Para além de expressarem e canalizarem a dor da família e da comunidade (saliente-se que os funerais sob análise eram de membros da elite, e por isso figuras destacadas na sociedade egípcia), as carpideiras também desempenhavam as suas performances rituais em benefício do defunto, de modo a apaziguá-lo para que este não se vingue nos vivos por serem negligentes para com ele, e como forma de apelo à proteção divina do defunto. Destaque-se ainda a função mediadora do gesto *nwn*, através do qual a carpideira, enquanto recipiente temporária dos ritos funerários, os transfere para o defunto.

A segunda intervenção coube a André de Campos Silva (CEHR-UCP; CHUL), com o título “A ‘Piedade Pessoal’ nas Instruções do Império Novo”. O interveniente procurou demonstrar a relação entre o fenómeno religioso do Período Raméssida (XIX-XX dinastias, c. 1295-1069 a.C.) conhecido por “piedade pessoal” e duas das mais conhecidas e representativas instruções do Império Novo, as instruções de *Ani* e a de *Amenemope*. Há alguma divisão entre os egiptólogos no que concerne às origens da piedade pessoal e a sua relação com a restante religião egípcia, nomeadamente a religião oficial, pelo que André Silva começou por fazer uma breve introdução à complexidade deste fenómeno religioso. A posição adotada pelo interveniente foi a de que, ainda que a proximidade a uma divindade específica tenha antecedentes em períodos mais recuados da história egípcia, vários dos elementos que aparecem documentados pela primeira vez no Império Novo foram desenvolvidos neste período. Posteriormente passou-se à comparação entre elementos da piedade pessoal e passos das instruções de *Amenemope* e de *Ani*. Concluiu-se que, enquanto a Instrução de *Amenemope* apresenta mais semelhanças com o conteúdo de textos da piedade pessoal,

a Instrução de Ani, no que concerne este fenómeno religioso, foca-se mais em prescrições rituais, por exemplo sobre como orar ao deus no templo e como se comportar numa consulta oracular dada através da estátua da divindade.

Ainda no registo da literatura sapiencial, mas desta vez com o enfoque nas instruções reais de *Merikaré* e de *Amenemhat I*, Ricardo Tavares (CHUL) deu uma conferência plenária com o título “Os testamentos sapienciais de Merikara e Amenemhat, e a relação entre o culto e a ética”. Apesar de ter aplicado às fontes egípcias uma abordagem teológica católica, em vez da tradicional metodologia histórica e/ou sociológica usada no estudo académico da religião, as suas observações são pertinentes para uma melhor compreensão da literatura sapiencial egípcia. Nesta conferência foi argumentado que deus, na *Instrução de Merikaré*, apesar de ser distante, permanece atento ao mundo humano, e em contacto com este através do culto. Este culto envolve não só o elemento ritual, mas também o elemento ético representado por Ma’at e sem o qual o culto não tem eficácia. Sendo uma instrução dirigida ao rei, que não é um deus e precisa de ser ensinado, é sobre este que recai a responsabilidade de executar corretamente o culto e de orientar eticamente a sua conduta ao proteger os mais fracos. A falha do rei em cumprir com as suas obrigações, especialmente no que toca à ética, espoleta a intervenção divina.

A primeira comunicação da sessão da tarde, que contou com a moderação de Nidia Catorze Santos (CHUL), foi proferida por João Camacho (CEHR-UCP; FLUC; CHUL) e intitulou-se “*Medo e magia: crença e prática juntas pelo domínio das ameaças*”. Partindo da relação existente entre medo e magia no Egipto antigo, o investigador explorou o papel da magia nesta civilização focando-se numa análise crítica às fórmulas mágicas, considerando que estas fórmulas e o seu registo material revelam, não só as estruturas mitológicas em que estas crenças mágicas assentavam, como um conjunto de preocupações e aflições quotidianas, mais ligadas à religiosidade pessoal e à vivência individual.

A comunicação seguinte foi da responsabilidade de Catarina Pinto (Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa) e intitulou-se “*Beth-Shean e o domínio egípcio, da segunda metade do século XVI a.n.e. até ao início do século XII a.n.e.: Dinâmicas sociais e práticas religiosas analisadas através do registo arqueológico*”. A arqueóloga optou por uma apresentação com uma perspectiva arqueológica fazendo o seu enfoque recair sobre a cidade de Beth-Shean, localizada na Siro-Palestina, e que se apresenta como um bom exemplo dos contactos entre o Egipto e Canaã. No que respeita à questão religiosa, ela foi abordada através dos vestígios materiais provenientes deste povoado numa perspectiva comparativa de modo a evidenciar as dinâmicas religiosas e sociais desenvolvidas no local.

A terceira e última sessão foi da responsabilidade de Susana Mota (CHAM-FCSH/NOVA-Uac) e intitulou-se “*As práticas religiosas em casa: a Religião Doméstica no Egipto antigo*”. A investigadora apresentou uma comunicação que pretendeu delimitar, em linhas gerais, o que eram as condutas religiosas que o crente egípcio levava a cabo em sua casa. Pretendeu-se, por um lado, identificar as motivações que levavam o devoto a procurar o apoio do sagrado no espaço doméstico e, por outro lado, caracterizar o que era feito, como o culto a divindades e aos antepassados, e a magia.

A conferência de encerramento do *workshop* foi dada por Rogério Sousa (CECH; ISCS-N), e teve o título de “Os sistemas religiosos no Antigo Egipto: Conservadorismo

e Inovação”. Partindo das categorias de teologia implícita (designa a religião viva e é conservadora) e de teologia explícita (refere-se à reflexão problematizante sobre elementos religiosos, como a piedade pessoal e a ética, e é inovadora), o egiptólogo fez uma síntese da dialética entre a conservação e a inovação na religião egípcia. Pelo menos desde o Império Médio (c. 2010-1630 a.C.), a tensão entre a religião oficial e a vivência interior do sagrado atravessa a religião egípcia, e acentua-se na XVIII dinastia (c. 1539-1069 a.C.) com a teologia da história, em que deus intervém na história, culminando na tentativa de Akhenaton de restaurar a primazia do culto oficial. O Período Raméssida encontrou uma solução diferente para esta tensão: conciliar a religião oficial com a religião interior. Esta tendência conservadora foi abandonada no Terceiro Período Intermediário (c. 1069-664 a.C.). Por exemplo, nos ataúdes da XXI dinastia (c. 1069-945 a.C.) havia uma constante reformulação e procura de inovação nos motivos que os decoravam. No campo cosmológico, porém, a Pedra de Shabaka da XXV dinastia (c. 728-657 a.C.) travou as constantes modificações à teologia heliopolitana, tornando o seu texto, inicialmente de cariz especulativo, normativo, e passando da inovação ao olhar conservador e retrógrado.

Em conclusão, este *workshop* ofereceu perspetivas abrangentes e novos horizontes de pesquisa sobre a religião do antigo Egito, tanto a partir de fontes textuais como de fontes arqueológicas, e propiciou a troca de ideias entre estudantes de egiptologia em Portugal. Aproveitamos este espaço para renovar o agradecimento a todos os que tornaram este encontro científico possível, desde a direção e secretariado do Centro de Estudos de História Religiosa aos membros da assistência, salientando a disponibilidade e o trabalho dos oradores e dos moderadores.

Iniciativas científicas e culturais no âmbito da história religiosa (2015)

PAULO FONTES

com a colaboração de ISABEL TEIXEIRA COSTA

ÉPOCA ANTIGA

Congresso de História da Antiguidade Clássica

20-22 de maio 2015, vários locais.

Congresso organizado pelo CECH-FLUC.

Comunicações com interesse para a história socio-religiosa:

- D. Leão, “Solon’s Laws respecting religious affairs”;
- A. Costrino e C. L. Franchi, “The humanity of the gods: the depiction of Alexander and Cesar in popular culture”;